REVISTA
Coram Deo
TEOLOGIA • EDUCAÇÃO • COSMOVISÃO CRISTÃ

A IMPLANTAÇÃO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ CLÁSSICA NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO - DESAFIOS PEDAGÓGICOS NA FORMAÇÃO DOCENTE, ADAPTAÇÃO INFANTIL E CONSTRUÇÃO DE COSMOVISÃO

Ana Cris na Medaglia Dyonisio
Letcia Fachin Amorim Santos
Paula Moro Ne o Azevedo
Prof. Or.: Prof. Dr. Jean-Marie Lambert

VOLUME 1 • NÚMERO 1 • 2026

A IMPLANTAÇÃO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ CLÁSSICA NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO: DESAFIOS PEDAGÓGICOS NA FORMAÇÃO DOCENTE, ADAPTAÇÃO INFANTIL E CONSTRUÇÃO DE COSMOVISÃO

Ana Cristina Medaglia Dyonisio; Letícia Fachin Amorim Santos; Paula Moro Netto Azevedo*[1]. *Professor Orientador: Prof. Dr. Jean-Marie Lambert**[2]

RESUMO:

Este artigo analisa os desafios e fundamentos envolvidos na implantação de uma escola cristã clássica no contexto contemporâneo, considerando especialmente a formação de cosmovisão, a cultura institucional e os processos de adaptação educacional. Parte-se da compreensão de que toda prática pedagógica está fundamentada em pressupostos filosóficos e antropológicos que orientam a compreensão do aluno, da família, da sociedade e da finalidade da educação. Nesse contexto, a educação cristã clássica apresenta-se como uma proposta de formação integral fundamentada em princípios permanentes, em contraste com tendências contemporâneas marcadas pela fragmentação do conhecimento e relativização dos referenciais formativos. O estudo discute a necessidade de alinhamento entre gestão, corpo docente e famílias para a consolidação da identidade institucional, além dos desafios de adaptação de crianças inseridas em contextos culturais desconectados da cosmovisão cristã. Reflete ainda sobre a atuação de escolas confessionais dentro das exigências legais e educacionais brasileiras contemporâneas. A pesquisa possui abordagem qualitativa e caráter bibliográfico, fundamentando-se em autores da filosofia da educação, educação clássica e pedagogia cristã.

---

[1] * Alunas do curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura da Faculdade Coram Deo.

[2] Possui graduação em Direito pela Universidade Católica de Goiás (1980), mestrado em Direito Internacional – Universite Libre de Bruxelles (1983), doutorado em Ciências Políticas – Université de Liège (2005) com pós-doutorado em Ciência da Religião na PUC-GO. Atualmente é professor emérito da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Goiânia e professor titular do Centro Universitário Alves Faria – UNIALFA. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direito Internacional, atuando principalmente nos seguintes temas: direito internacional, direito econômico, África, integração regional, reforma agrária e globalização.

PALAVRAS-CHAVE: Educação cristã clássica; Cosmovisão cristã; Formação docente; Cultura escolar; Pedagogia contemporânea.

ABSTRACT:

This article examines the challenges and foundational considerations involved in implementing a classical Christian school within the contemporary context, with particular attention to worldview formation, institutional culture, and the dynamics of educational adaptation. It proceeds from the premise that every pedagogical practice rests upon philosophical and anthropological presuppositions that shape how one understands the student, the family, society, and the ultimate purpose of education. In this framework, classical Christian education emerges as a proposal for holistic formation anchored in enduring principles, standing in contrast to contemporary trends characterized by the fragmentation of knowledge and the erosion of stable formative benchmarks. The study addresses the necessity of coherent alignment among administration, teaching staff, and families in order to consolidate institutional identity, as well as the difficulties inherent in adapting children who are situated in cultural environments removed from the Christian worldview. It further reflects on the role of confessional schools operating within the scope of current Brazilian legal and educational frameworks. Methodologically, the research adopts a qualitative approach and is bibliographic in nature, drawing on authors in the fields of philosophy of education, classical education, and Christian pedagogy.

KEYWORDS: Classical Christian education; Christian worldview; Teacher training; School culture; Contemporary pedagogy.

1. INTRODUÇÃO:

A educação nunca constitui uma atividade neutra. Toda proposta pedagógica está fundamentada em pressupostos filosóficos, antropológicos e, em última instância, religiosos, que orientam a compreensão acerca da natureza humana, da finalidade do conhecimento, do papel do professor e do propósito da escola. Nesse sentido, os diferentes modelos educacionais refletem distintas concepções de homem e de sociedade, influenciando diretamente a formação intelectual, moral e cultural dos estudantes.

Nas últimas décadas, observa-se o crescimento do interesse pela Educação Cristã Clássica em diferentes países, inclusive no Brasil. Esse movimento propõe o resgate da tradição educacional ocidental e sua integração à cosmovisão cristã, compreendendo a educação como um processo de formação integral da pessoa. Mais do que transmitir conteúdos, a Educação Cristã Clássica busca cultivar virtudes, ordenar os afetos, desenvolver a sabedoria e conduzir o aluno à contemplação da verdade, da bondade e da beleza, reconhecendo Cristo como fundamento de todo conhecimento: “em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (BÍBLIA, Colossenses 2:3).

A partir dessa compreensão, a implantação de uma escola cristã clássica não pode ser reduzida à adoção de um currículo diferenciado ou à aplicação de determinadas metodologias de ensino. Trata-se, antes, da construção de uma cultura educativa coerente com uma determinada concepção de homem, conhecimento, autoridade, virtude e finalidade da educação. Essa coerência precisa alcançar as diferentes dimensões da vida escolar, incluindo a gestão, o currículo, a prática docente, a disciplina, os hábitos, as relações interpessoais e a participação das famílias.

Esse desafio torna-se ainda mais significativo quando se considera que os diferentes agentes envolvidos no processo educativo chegam à escola carregando experiências e pressupostos formados em contextos culturais e educacionais distintos. Professores são, em grande medida, formados em sistemas de ensino cuja preparação privilegia competências profissionais e metodológicas, nem sempre contemplando de maneira específica a tradição das artes liberais, a cosmovisão cristã e a compreensão da educação como formação integral da pessoa. Da mesma forma, as famílias contemporâneas foram educadas dentro de uma cultura que frequentemente compreende a escola a partir de finalidades predominantemente instrumentais, como desempenho acadêmico, aprovação em exames, ingresso no ensino superior e obtenção de certificação profissional. Nesse contexto, pode haver um distanciamento entre a finalidade formativa proposta pela Educação Cristã Clássica e as expectativas inicialmente apresentadas pelas famílias.

Também os estudantes chegam à escola trazendo hábitos e disposições formados em uma cultura marcada pela presença constante das tecnologias digitais, pela multiplicidade de estímulos e pela velocidade característica dos meios contemporâneos

de comunicação e entretenimento. Tal contexto apresenta desafios relacionados à atenção, à leitura, à perseverança, à capacidade de esperar, ao enfrentamento da frustração e à formação de hábitos intelectuais. A escola cristã clássica, portanto, não recebe apenas alunos que precisam adquirir novos conhecimentos, mas pessoas que já chegam portadoras de hábitos, afetos, referências culturais e formas de compreender o mundo que precisam ser consideradas no processo educativo.

Outro aspecto relevante refere-se ao contexto educacional brasileiro, no qual as instituições confessionais estão submetidas à legislação educacional, às diretrizes curriculares, às exigências administrativas e às responsabilidades pedagógicas estabelecidas pelo poder público. Nesse cenário, a escola cristã clássica é chamada a preservar sua identidade confessional e seus fundamentos pedagógicos, ao mesmo tempo em que cumpre as exigências legais que regulamentam a educação nacional. Surge, assim, o desafio de compreender os limites e as possibilidades de uma instituição confessional que pretende permanecer fiel à sua cosmovisão sem deixar de atuar dentro do ordenamento educacional brasileiro.

Dessa forma, entre os principais desafios envolvidos na implantação de uma escola cristã clássica no contexto contemporâneo, destacam-se a formação de professores comprometidos com seus pressupostos filosóficos e confessionais, o alinhamento entre escola e família, a formação dos hábitos e disposições dos estudantes e a necessidade de conciliar a identidade institucional com as exigências da legislação educacional. Esses desafios não constituem questões isoladas, mas estão relacionados entre si, uma vez que a formação da criança ocorre por meio da interação entre os diferentes agentes e ambientes que participam de sua educação.

Nesse sentido, o principal desafio da implantação de uma escola cristã clássica não reside na adoção de um currículo ou de determinadas metodologias, mas na construção de uma cultura educativa coerente com sua antropologia cristã em um contexto social cujos agentes — professores, famílias, alunos e instituições reguladoras — foram formados, em grande medida, por pressupostos educacionais distintos. A consolidação dessa proposta exige, portanto, mais do que a transmissão de conteúdos cristãos ou a utilização de métodos clássicos: requer intencionalidade na formação de uma comunidade educativa na qual aquilo que a instituição afirma crer seja efetivamente expresso em suas práticas, relações, hábitos e finalidades.

Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo analisar os principais desafios envolvidos na implantação de uma escola cristã clássica no contexto brasileiro contemporâneo, considerando especialmente a formação do corpo docente, o alinhamento entre escola e família, a formação dos hábitos dos estudantes, a construção da cosmovisão institucional e as exigências legais que incidem sobre as instituições confessionais. Busca-se compreender de que maneira esses elementos interferem na consolidação de uma proposta educacional coerente com seus fundamentos cristãos e clássicos, bem como refletir sobre o papel do pedagogo na construção e manutenção dessa cultura educativa.

Para tanto, desenvolve-se uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, fundamentada em autores da filosofia da educação, da educação clássica, da pedagogia cristã e da cosmovisão cristã, além da análise dos documentos legais que orientam a educação brasileira. A pesquisa busca compreender os fundamentos antropológicos, filosóficos e pedagógicos que sustentam a Educação Cristã Clássica e, a partir deles, analisar os desafios concretos enfrentados por instituições que procuram implementar essa proposta no contexto educacional contemporâneo.

2. EDUCAÇÃO, ANTROPOLOGIA E COSMOVISÃO

A formação do pedagogo no Brasil passou por significativas transformações ao longo da história da educação nacional, acompanhando as mudanças sociais, políticas e culturais do país. Desde a institucionalização do curso de Pedagogia, em 1939, através do Decreto-Lei nº 1.190, de 4 de abril, observa-se uma ampliação gradual de suas atribuições, assumindo progressivamente a preparação de profissionais aptos ao exercício da docência na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental e em diferentes espaços educativos. Esse percurso evidencia a constante necessidade de adaptação da formação pedagógica às demandas da sociedade contemporânea e às políticas públicas educacionais.

Nesse processo, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia consolidaram uma compreensão mais abrangente da atuação profissional do pedagogo, reconhecendo que sua formação deve contemplar conhecimentos científicos, pedagógicos, éticos e culturais que possibilitem a atuação em múltiplos contextos educacionais. Além da docência, o pedagogo é preparado para exercer funções

relacionadas à gestão escolar, coordenação pedagógica, orientação educacional, elaboração de projetos, avaliação institucional e demais atividades ligadas aos processos de ensino e aprendizagem. Dessa forma, sua atuação ultrapassa os limites da sala de aula e passa a envolver a construção e o fortalecimento da identidade das instituições educativas.

O ensino não consiste apenas na transmissão de informações, mas constitui uma prática relacional e moral que expressa determinadas concepções acerca do conhecimento, do ser humano e da finalidade da educação. Toda formação docente está fundamentada em pressupostos acerca da natureza humana, do conhecimento e da finalidade da educação. A ideia de neutralidade pedagógica tem sido amplamente questionada por diferentes correntes filosóficas da educação, uma vez que toda prática educativa comunica valores, seleciona conteúdos, estabelece prioridades formativas e transmite determinada compreensão do ser humano e da sociedade. Assim, toda proposta pedagógica está inevitavelmente vinculada a uma cosmovisão que orienta suas escolhas metodológicas, curriculares e institucionais.

Sob essa perspectiva, a Educação Cristã Clássica compreende que a educação deve promover a formação integral do estudante, considerando simultaneamente suas dimensões intelectuais, morais, espirituais, culturais e sociais. O conhecimento não é entendido como um conjunto fragmentado de informações, mas como um caminho para a compreensão da realidade criada por Deus. Consequentemente, a formação docente exige muito mais do que domínio técnico; requer coerência entre os princípios e as práticas cotidianas que expressam a cultura e a cosmovisão da instituição.

A Educação Cristã Clássica compreende que o processo educativo não pode ser desenvolvido de maneira isolada da família. A participação dos pais constitui elemento essencial para a consolidação da proposta pedagógica, uma vez que a formação moral e intelectual da criança ocorre em diferentes ambientes sociais. Quando escola e família compartilham princípios e objetivos formativos, estabelece-se maior coerência no desenvolvimento dos hábitos, das virtudes e da aprendizagem. Em contrapartida, a ausência desse alinhamento pode gerar tensões que dificultam tanto a adaptação da criança quanto a consolidação da cultura institucional.

A presente pesquisa fundamenta-se em autores da filosofia da educação, da pedagogia, da educação cristã clássica e da cosmovisão cristã, buscando compreender

os fundamentos que orientam a implantação de uma escola cristã clássica no contexto contemporâneo. Considerando que toda proposta educacional está alicerçada em pressupostos filosóficos, antropológicos e pedagógicos, torna-se necessário compreender as contribuições teóricas que sustentam essa perspectiva de formação.

Há um grande desafio na discussão do papel da escola diante da sociedade. A compreensão acerca da formação docente está diretamente relacionada à concepção de ser humano que orienta determinada proposta educacional. Antes de definir métodos, conteúdos ou estratégias de ensino, toda prática pedagógica parte de pressupostos antropológicos que procuram responder a questões fundamentais sobre quem é o homem, qual a finalidade da educação e que tipo de formação se pretende promover. Dessa forma, a atuação do professor não se limita à transmissão de conhecimentos técnicos, mas envolve escolhas que refletem determinada visão de mundo, influenciando a construção intelectual, moral e cultural dos estudantes:

> A grande importância dessa perspectiva reside no fato de os professores ocuparem, na escola, uma posição fundamental em relação ao conjunto dos agentes escolares: em seu trabalho cotidiano com os alunos, são eles os principais atores e mediadores da cultura e dos saberes escolares. Em suma, é sobre os ombros deles que repousa, no fim das contas, a missão educativa da escola. Nesse sentido, interessar-se pelos saberes e pela subjetividade deles é tentar penetrar no próprio cerne do processo concreto de escolarização, tal como ele se realiza a partir do trabalho cotidiano dos professores em interação com os alunos e com os outros atores educacionais (TARDIF, 2002, p. 228).

Sob essa perspectiva, a ideia de neutralidade pedagógica torna-se insustentável, uma vez que toda ação educativa comunica valores, estabelece prioridades formativas e expressa uma compreensão específica acerca da verdade, do conhecimento e da natureza humana. A educação não consiste apenas em um processo de instrução, mas em uma atividade essencialmente formativa, capaz de moldar hábitos, afetos, virtudes e modos de interpretar a realidade.

Nesse sentido, a formação humana ultrapassa a dimensão puramente intelectual, alcançando também os desejos e os afetos que orientam as escolhas cotidianas. Muitas vezes, os valores que norteiam a vida de uma pessoa não são construídos apenas por argumentos racionais, mas pelas práticas, experiências e "liturgias" culturais às quais ela se submete continuamente. James K. A. Smith afirma que é necessário atentar para aquilo que molda nossos amores mais profundos, pois

"precisamos cuidar do inconsciente, onde ficam armazenadas as histórias que nos governam. Esteja atento àquilo que adora; isso moldará seu querer e, consequentemente, o que você faz e como opera" (SMITH, 2009, p. 68). Nessa perspectiva, a educação participa diretamente da formação da cosmovisão, uma vez que ensina não apenas o que pensar, mas também o que amar e desejar.

3. A EDUCAÇÃO CRISTÃ CLÁSSICA E SUA PROPOSTA FORMATIVA

A Educação Cristã Clássica constitui uma proposta educacional que integra a tradição clássica de formação humana à cosmovisão cristã, compreendendo a educação como um processo que ultrapassa a aquisição de informações e habilidades. Seu propósito não se limita à preparação do indivíduo para o mercado de trabalho ou para o ingresso no ensino superior, mas envolve a formação de pessoas capazes de conhecer a realidade, discernir o verdadeiro, amar o bem, contemplar o belo e agir com sabedoria e virtude. Nessa perspectiva, a educação possui uma finalidade eminentemente formativa, pois busca alcançar não somente o intelecto, mas também a vontade, os afetos, os hábitos e o caráter.

A tradição clássica compreende a educação como formação da pessoa em sua integralidade. Historicamente, essa tradição esteve relacionada ao cultivo das chamadas artes liberais, entendidas não simplesmente como um conjunto de disciplinas escolares, mas como instrumentos destinados a desenvolver as capacidades próprias da razão humana. As sete artes liberais — gramática, lógica e retórica, que compõem o trivium, e aritmética, geometria, música e astronomia, que compõem o quadrivium — constituíram parte importante da tradição educacional ocidental. Na perspectiva da educação cristã clássica contemporânea, essas artes são recuperadas não como um exercício de mera preservação histórica, mas como meios para o desenvolvimento intelectual e para a formação de uma pessoa capaz de compreender e ordenar a realidade.

Dorothy Sayers, em seu conhecido ensaio *The Lost Tools of Learning*, publicado originalmente em 1947, chamou atenção para a perda das ferramentas intelectuais necessárias ao aprendizado e propôs uma reconsideração da tradição do trivium como instrumento de formação. Sua reflexão tornou-se uma das referências importantes para o movimento contemporâneo de renovação da educação clássica. A questão central não

está simplesmente em organizar o currículo em três etapas, mas em compreender que a educação precisa ensinar o aluno a aprender, raciocinar e comunicar-se de maneira ordenada. Desse modo, o conhecimento deixa de ser concebido como um acúmulo de informações desconectadas e passa a ser compreendido como parte de uma formação intelectual progressiva.

Entretanto, uma educação clássica cristã não pode ser compreendida apenas pela recuperação das artes liberais ou pela utilização do trivium. O adjetivo "cristã" não constitui um elemento acrescentado posteriormente a uma estrutura educacional essencialmente secular. A cosmovisão cristã fornece o fundamento a partir do qual o conhecimento é interpretado, ordenado e integrado. Se toda realidade foi criada por Deus, o conhecimento das diferentes áreas da criação não pode ser considerado separado da verdade acerca de seu Criador. Assim, a matemática, a literatura, a história, as ciências, as artes e a filosofia podem ser estudadas como diferentes modos de conhecer uma realidade que possui ordem, significado e propósito.

Nesse sentido, a Educação Cristã Clássica procura superar a fragmentação do conhecimento. O currículo não é entendido como uma coleção de disciplinas independentes, mas como uma oportunidade para que o estudante perceba relações entre diferentes campos do saber e desenvolva uma compreensão mais ampla da realidade. A educação clássica cristã busca, portanto, integrar conhecimento e sabedoria, evitando que o aluno se torne apenas um acumulador de informações. O objetivo é que aquilo que é aprendido contribua para a formação de uma inteligência capaz de perceber conexões, formular juízos e ordenar o conhecimento em direção àquilo que é verdadeiro, bom e belo.

Kevin Clark e Ravi Jain, em *The Liberal Arts Tradition*, ampliam essa compreensão ao defenderem que a educação clássica cristã não deve ser reduzida ao conhecido esquema de gramática, lógica e retórica. Os autores apresentam a tradição das artes liberais dentro de uma concepção mais ampla de formação, envolvendo elementos como piedade, exercício físico, música, filosofia e teologia. Dessa forma, a formação clássica não se restringe ao desenvolvimento da capacidade intelectual, mas busca cultivar integralmente a mente, o corpo, a vontade e os afetos. A educação é, portanto, compreendida como formação da pessoa em sua totalidade (CLARK; JAIN, 2013).

Essa perspectiva também permite compreender a importância da literatura e das grandes obras na educação. A leitura não ocupa lugar meramente instrumental, como recurso para desenvolver habilidades linguísticas, mas constitui uma das formas pelas quais o estudante entra em contato com experiências humanas, dilemas morais, diferentes épocas e culturas e questões fundamentais acerca da existência. Por meio da literatura, o aluno pode aprender a reconhecer a beleza, a compreender o sofrimento, a discernir virtudes e vícios e a considerar as consequências das escolhas humanas. A leitura das grandes obras, portanto, participa da formação do imaginário e dos afetos, contribuindo para que o estudante desenvolva não apenas capacidade de interpretação, mas também critérios para julgar e amar aquilo que é digno de ser amado.

A formação das virtudes ocupa, nesse contexto, lugar central. Se a finalidade da educação fosse apenas transmitir conhecimento, seria possível considerar suficiente que o estudante adquirisse informações e desenvolvesse determinadas competências cognitivas. A Educação Cristã Clássica, porém, compreende que saber o que é correto não garante, por si só, que o indivíduo deseje e pratique o que é correto. A educação precisa, portanto, participar da formação dos hábitos e das disposições que orientam as escolhas. O cultivo da diligência, da temperança, da coragem, da justiça, da prudência, da disciplina e da perseverança não é entendido como elemento secundário do processo educativo, mas como parte constitutiva da formação humana.

Essa compreensão encontra importante diálogo com C. S. Lewis, especialmente em A Abolição do Homem. Ao criticar uma educação que reduz os juízos de valor a meras expressões subjetivas, Lewis chama atenção para a necessidade de formar não apenas a capacidade racional, mas também os afetos. Para o autor, uma educação que pretende formar seres humanos precisa ensinar a reconhecer e responder adequadamente àquilo que é verdadeiro, bom e belo. Sua reflexão contribui para compreender que os sentimentos e os desejos também são educados e que a formação moral não acontece somente por meio de discursos explícitos, mas pela exposição contínua a determinados modelos, histórias, práticas e valores (LEWIS, 1947).

Assim, verdade, bondade e beleza não constituem apenas conceitos abstratos ou expressões recorrentes no vocabulário da Educação Cristã Clássica. Elas expressam uma determinada compreensão da realidade e da finalidade da educação. A verdade orienta a busca pelo conhecimento e pelo reconhecimento da realidade; a bondade orienta a

formação moral e o exercício das virtudes; e a beleza educa os afetos para reconhecer e amar aquilo que possui ordem, excelência e dignidade. A educação procura, desse modo, formar uma pessoa cujo intelecto, vontade e afetos estejam progressivamente ordenados em direção ao bem.

É nesse ponto que a Educação Cristã Clássica se diferencia de uma simples educação tradicional ou de uma educação que apenas acrescenta conteúdos religiosos a um currículo convencional. Seu caráter distintivo está na integração entre uma tradição pedagógica, uma concepção de conhecimento e uma antropologia cristã. Não se trata apenas de ensinar conteúdos clássicos em uma escola cristã, mas de compreender o próprio ato de ensinar a partir da convicção de que toda verdade pertence a Deus e de que todo conhecimento encontra seu sentido último nele.

A centralidade de Cristo, portanto, não deve estar restrita a momentos devocionais ou a uma disciplina específica do currículo. Ela deve orientar a própria compreensão da realidade, do conhecimento e da pessoa humana. Como afirma o apóstolo Paulo, em Cristo "estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento" (BÍBLIA, Colossenses 2:3). Sob essa perspectiva, a educação cristã clássica procura conduzir o estudante a perceber que não existem áreas do conhecimento completamente desconectadas da verdade de Deus. O estudo da criação pode conduzir à admiração; o estudo da história pode favorecer o discernimento; a literatura pode revelar aspectos da condição humana; a matemática pode evidenciar ordem e proporção; a música pode educar os afetos; e a filosofia pode auxiliar na busca racional pela verdade.

Essa integração entre conhecimento e fé também modifica a compreensão do próprio estudante. A criança não é vista como um indivíduo cuja finalidade principal é alcançar desempenho acadêmico ou adquirir competências para competir no mercado. É uma pessoa criada à imagem de Deus, dotada de razão, vontade e afetos, inserida em uma comunidade, e chamada a desenvolver seus dons e responsabilidades diante de Deus e do próximo. Por isso, a formação intelectual não pode ser dissociada da formação moral e espiritual.

Da mesma maneira, a autoridade do professor assume uma função formativa. Se o objetivo da educação é cultivar hábitos, virtudes e amor pelo conhecimento, o professor não pode ser reduzido à condição de transmissor de conteúdos. Ele participa

da formação do estudante também por meio de sua própria maneira de viver, estudar, falar, corrigir, trabalhar e relacionar-se. A cultura escolar é formada tanto pelo que é explicitamente ensinado quanto pelo que é implicitamente comunicado nas práticas cotidianas.

A Educação Cristã Clássica também atribui importância à formação de hábitos intelectuais. Ler com atenção, memorizar, ouvir, escrever, argumentar, observar, perguntar, perseverar diante de uma dificuldade e retornar a um conteúdo até compreendê-lo são práticas que precisam ser cultivadas progressivamente. Nesse sentido, a educação não apenas transmite conhecimento, mas forma disposições para o conhecimento. A criança aprende não somente determinado conteúdo, mas também a maneira de se relacionar com o conhecimento: se deve tratá-lo com superficialidade ou reverência, como um produto a ser consumido ou como uma realidade a ser contemplada e compreendida.

Por essa razão, a proposta clássica cristã possui uma relação particularmente estreita entre conhecimento, hábitos e virtudes. A formação intelectual não é considerada separadamente da formação do caráter, porque a pessoa que conhece precisa também aprender a desejar e a agir de acordo com aquilo que reconhece como verdadeiro e bom. A educação, nesse sentido, procura formar homens e mulheres capazes de integrar conhecimento e vida, razão e afetos, liberdade e responsabilidade, excelência intelectual e virtude.

Dessa maneira, a Educação Cristã Clássica pode ser compreendida como uma proposta de formação integral que recupera elementos fundamentais da tradição clássica, especialmente as artes liberais, a literatura, a filosofia, a formação das virtudes e a busca pela verdade, bondade e beleza, e os compreende a partir da cosmovisão cristã. Seu propósito não é simplesmente formar alunos academicamente competentes, mas contribuir para a formação de pessoas sábias, virtuosas e capazes de interpretar a realidade à luz da verdade cristã. É justamente essa amplitude de finalidade que torna sua implantação particularmente desafiadora no contexto contemporâneo: para que essa proposta seja efetivamente realizada, não basta modificar o currículo; é necessário formar professores, famílias, alunos e uma cultura institucional que compartilhem, ainda que progressivamente, a compreensão de que educar é participar da formação integral da pessoa diante de Deus.

4. O PEDAGOGO E O PROFESSOR NA ESCOLA CRISTÃ CLÁSSICA

A formação do pedagogo no Brasil passou por significativas transformações ao longo da história da educação nacional, acompanhando as mudanças sociais, políticas e culturais do país. Desde a institucionalização do curso de Pedagogia, em 1939, através do Decreto-Lei nº 1.190, de 4 de abril, observa-se uma ampliação gradual de suas atribuições, assumindo progressivamente a preparação de profissionais aptos ao exercício da docência na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental e em diferentes espaços educativos. Esse percurso evidencia a constante necessidade de adaptação da formação pedagógica às demandas da sociedade contemporânea e às políticas públicas educacionais.

Nesse processo, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia consolidaram uma compreensão mais abrangente da atuação profissional do pedagogo, reconhecendo que sua formação deve contemplar conhecimentos científicos, pedagógicos, éticos e culturais que possibilitem a atuação em múltiplos contextos educacionais. Além da docência, o pedagogo é preparado para exercer funções relacionadas à gestão escolar, coordenação pedagógica, orientação educacional, elaboração de projetos, avaliação institucional e demais atividades ligadas aos processos de ensino e aprendizagem. Dessa forma, sua atuação ultrapassa os limites da sala de aula e passa a envolver a construção e o fortalecimento da identidade das instituições educativas.

Entretanto, quando se considera a atuação do pedagogo em uma escola cristã clássica, torna-se necessário avançar para além da descrição das competências profissionais estabelecidas para a formação pedagógica. A questão que se apresenta é se a formação inicial é suficiente para preparar o educador para atuar em uma instituição cuja proposta parte de uma antropologia cristã e de uma tradição clássica de educação. A formação inicial do professor possui a função de oferecer os fundamentos necessários ao exercício da profissão, incluindo conhecimentos científicos, pedagógicos, didáticos e relativos à prática educativa. As próprias diretrizes nacionais para a formação de professores reconhecem a complexidade da atividade docente e estabelecem princípios e fundamentos para a formação dos profissionais do magistério da Educação Básica. A Resolução CNE/CP nº 4, de 29 de maio de 2024, atualmente estabelece as Diretrizes

Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior dos profissionais do magistério da Educação Básica, abrangendo os cursos de licenciatura, formação pedagógica para graduados não licenciados e segunda licenciatura (BRASIL, 2024).

Essa formação, contudo, não deve ser compreendida como um processo capaz de esgotar todas as dimensões necessárias ao exercício da docência. A própria natureza da profissão exige a articulação entre conhecimentos provenientes da formação acadêmica, saberes construídos na experiência, compreensão do contexto escolar e desenvolvimento contínuo da identidade profissional. Maurice Tardif (2002) destaca que os saberes docentes possuem natureza plural e são constituídos por diferentes fontes, não podendo ser reduzidos exclusivamente aos conhecimentos adquiridos durante a formação universitária. Os saberes profissionais dos professores são relacionados à formação, aos currículos, às disciplinas, às experiências e às relações estabelecidas no cotidiano da profissão.

Essa compreensão é particularmente relevante quando se analisa a Educação Cristã Clássica. Se os saberes do professor não são constituídos exclusivamente durante a graduação, a formação do educador que atua em uma escola cristã clássica precisa necessariamente continuar no interior da própria instituição e ser entendida como uma vocação e discipulado, visando não apenas transmitir conteúdos, mas formar corações voltados ao aprendizado à luz da Palavra de Deus. A escola não recebe um professor completamente formado para todos os aspectos de sua proposta; ela também participa da formação profissional e cultural desse professor. A formação inicial oferece fundamentos importantes, mas a identidade docente precisa ser continuamente aprofundada em diálogo com a proposta pedagógica, a cultura institucional e os fundamentos filosóficos e confessionais da escola.

A especificidade da Educação Cristã Clássica está justamente no fato de que sua proposta não se limita a determinadas técnicas de ensino ou à organização de conteúdos curriculares. Como apresentado anteriormente, trata-se de uma concepção de educação fundamentada em determinada compreensão acerca do homem, do conhecimento, da verdade, da virtude e da finalidade da própria educação. Dessa forma, o professor que atua nesse contexto necessita compreender não apenas como ensinar, mas também por que ensina, para que ensina e que tipo de pessoa sua prática educativa procura formar.

Nesse sentido, há uma diferença importante entre possuir formação pedagógica e possuir formação para atuar coerentemente dentro de uma determinada tradição pedagógica. Um professor pode dominar procedimentos didáticos, estratégias de planejamento, instrumentos avaliativos e conhecimentos relacionados ao desenvolvimento infantil e, ainda assim, não compreender integralmente os pressupostos antropológicos e filosóficos que fundamentam uma escola cristã clássica. A Educação Cristã Clássica requer do professor uma formação que alcance também sua relação com o conhecimento. Se a finalidade da educação não consiste simplesmente em transmitir informações, mas em conduzir o estudante ao conhecimento da verdade, ao amor pelo bem e à contemplação da beleza, o educador precisa possuir uma cultura intelectual compatível com essa tarefa. A docência exige, nesse contexto, um professor que continue aprendendo, lendo, investigando e ampliando sua compreensão das diferentes áreas do conhecimento.

Essa exigência ganha especial importância diante da tradição das artes liberais. O professor de uma escola cristã clássica não precisa necessariamente ser especialista em todas as áreas do saber, mas precisa participar de uma cultura intelectual que ultrapasse os limites estreitos de sua disciplina. O contato com literatura, história, filosofia, música, matemática, ciências e teologia contribui para que o educador compreenda as conexões existentes entre os diferentes campos do conhecimento e possa auxiliar o aluno a perceber a unidade da realidade.

A formação do professor, portanto, não pode ser reduzida à aquisição de competências metodológicas. É necessário cultivar nele hábitos intelectuais: o hábito da leitura, da investigação, da reflexão, da escuta, da argumentação, da contemplação e da busca perseverante pela Verdade. Em uma proposta que pretende formar alunos que amem o conhecimento, seria contraditório esperar que o professor permanecesse intelectualmente passivo após a conclusão de sua graduação.

Essa perspectiva também modifica a compreensão acerca da formação continuada. Em uma escola cristã clássica, a formação dos professores não deveria ocorrer apenas quando uma nova metodologia ou uma nova exigência administrativa fosse implementada. Ela precisa envolver o aprofundamento permanente da própria visão de educação. Isso inclui o estudo da tradição clássica, da antropologia cristã, das

Escrituras, das artes liberais, da literatura, da filosofia da educação e dos fundamentos da própria instituição.

Nesse ponto, a formação docente assume caráter institucional. Não se trata apenas de uma responsabilidade individual do professor que precisa buscar, por conta própria, aquilo que sua formação inicial não contemplou. A própria escola possui responsabilidade na formação de sua equipe, especialmente quando adota uma proposta educacional que exige uma identidade intelectual e confessional específica. A formação continuada torna-se, assim, um dos instrumentos pelos quais a escola transforma seus princípios declarados em uma cultura efetivamente vivenciada.

O pedagogo assume papel particularmente relevante nesse processo. Por sua atuação na gestão dos processos pedagógicos, no acompanhamento dos professores, na elaboração e implementação do projeto pedagógico e na articulação entre os diferentes agentes da comunidade escolar, ele participa diretamente da construção da cultura institucional. Em uma escola cristã clássica, isso significa que sua atuação não pode restringir-se à organização burocrática do trabalho pedagógico. Cabe-lhe também favorecer a coerência entre os fundamentos assumidos pela instituição e as práticas efetivamente realizadas no cotidiano escolar.

Essa função torna-se ainda mais importante porque a cultura de uma escola não é formada apenas por aquilo que aparece nos documentos institucionais. Ela se manifesta na maneira como os professores tratam os alunos, naquilo que é valorizado, nos conteúdos selecionados, na forma de corrigir, nas expectativas de comportamento, na maneira de lidar com o conhecimento, na relação com as famílias e nos hábitos cultivados diariamente. Por essa razão, a identidade confessional de uma escola não pode depender exclusivamente de uma declaração formal de princípios. Ela precisa ser encarnada por pessoas que compreendam e vivam esses princípios.

O próprio texto já desenvolvido nesta pesquisa reconhece que o ensino constitui uma prática relacional e moral, pois comunica concepções acerca do conhecimento, do ser humano e da finalidade da educação. A formação docente, consequentemente, não pode ser compreendida apenas em termos técnicos, uma vez que a prática do professor expressa valores e pressupostos que influenciam a formação intelectual, moral e cultural dos estudantes.

Tardif (2002) contribui para essa compreensão ao destacar a posição central dos professores no processo de escolarização. Os professores não são meros executores de decisões produzidas por outros agentes; em seu trabalho cotidiano, mobilizam diferentes saberes e estabelecem relações que participam concretamente da formação dos alunos. A docência possui, portanto, uma dimensão pessoal e relacional que não pode ser totalmente capturada por prescrições curriculares ou técnicas pedagógicas.

Para a Educação Cristã Clássica, essa dimensão assume significado ainda mais profundo. Se toda educação participa da formação da pessoa, então o professor também participa dessa formação por meio de sua própria presença. O modo como lê, fala, escuta, corrige, trabalha, persevera e se relaciona com os alunos constitui parte daquilo que a criança aprende na escola. Antes mesmo de determinados conteúdos serem explicitamente ensinados, a criança encontra no professor uma pessoa que encarna determinada relação com o conhecimento, com a autoridade, com o trabalho e com os outros.

O desafio, portanto, não consiste em rejeitar a formação acadêmica existente, mas em reconhecer seus limites diante de uma proposta educacional que exige do professor uma compreensão mais ampla da pessoa humana, do conhecimento e da finalidade da educação.

A partir dessa constatação, torna-se possível compreender por que a formação docente constitui um dos principais desafios para a implantação da Educação Cristã Clássica no contexto contemporâneo. A dificuldade não está somente em encontrar profissionais habilitados para ensinar, mas em formar educadores que, além da competência profissional, sejam capazes de compreender, assumir e encarnar a visão de homem, conhecimento e educação que sustenta a proposta. É nesse ponto que a discussão sobre a formação inicial conduz naturalmente à necessidade de analisar a insuficiência de uma formação exclusivamente técnica e, posteriormente, o papel do professor como modelo dentro da cultura escolar cristã clássica.

4.1. O professor como modelo

Na Educação Cristã Clássica, o professor não pode ser compreendido apenas como aquele que transmite conteúdos ou aplica estratégias pedagógicas. Se a educação tem como finalidade a formação integral da pessoa, alcançando não somente o

intelecto, mas também os afetos, os hábitos e as virtudes, o próprio professor torna-se parte do processo formativo. Em outras palavras, o professor ensina não apenas pelo que diz, mas também pelo que é.

Essa compreensão está relacionada à própria natureza da formação por hábitos. Virtudes não são desenvolvidas exclusivamente por meio de instruções teóricas, mas também mediante a prática, a repetição e a convivência com pessoas que apresentam determinado modo de viver. Aristóteles, ao tratar da formação das virtudes, compreende que estas são desenvolvidas pelo exercício e pela prática habitual (ARISTÓTELES, 2009). Embora a Educação Cristã Clássica não se limite à filosofia aristotélica, essa compreensão contribui para perceber que a formação moral não ocorre apenas por discursos, mas por hábitos efetivamente praticados.

Nesse sentido, se a escola deseja formar alunos que desenvolvam o gosto pela leitura, o professor precisa demonstrar que a leitura é uma prática significativa em sua própria vida. Se pretende cultivar o amor pelo conhecimento, precisa apresentar-se como alguém que continua aprendendo, investigando e admirando aquilo que estuda. Se deseja formar alunos perseverantes, precisa manifestar perseverança diante das dificuldades; se pretende ensinar reverência pela verdade, precisa tratar a verdade com seriedade; se deseja formar bons hábitos, precisa compreender que sua própria conduta constitui uma referência para os estudantes.

Essa dimensão do exemplo possui especial relevância durante a infância. A criança aprende também pela observação e pela imitação daqueles que exercem autoridade sobre ela. O professor, por ocupar uma posição de referência no ambiente escolar, comunica continuamente valores por meio de sua linguagem, postura, relações, escolhas e atitudes. Assim, mesmo aquilo que não está explicitamente previsto no currículo pode participar da formação dos alunos. A maneira como o professor corrige, escuta, organiza seu trabalho, reage ao erro, lida com a autoridade e trata os demais revela concepções acerca do homem, do conhecimento e da vida em comunidade.

Na tradição cristã, essa dimensão do exemplo encontra fundamento no próprio chamado à imitação de Cristo. Paulo escreve aos coríntios: "Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo" (BÍBLIA, 1 Coríntios 11:1). O princípio não significa atribuir ao professor uma perfeição que ele não possui, mas reconhecer que a vida daquele que ensina deve guardar coerência com aquilo que afirma ensinar. Na escola cristã, portanto,

a formação docente envolve também a preocupação com a coerência entre discurso e prática.

A centralidade de Cristo precisa, desse modo, ultrapassar o conteúdo das aulas e alcançar a própria vocação docente. Um professor cristão não apenas ensina sobre valores cristãos; ele deve buscar compreender seu trabalho como serviço a Deus e ao próximo. Sua relação com o conhecimento, com os alunos, com os colegas e com a autoridade deve ser orientada pela compreensão cristã da pessoa humana e da finalidade da educação.

Essa perspectiva também reforça a importância da formação intelectual do professor. Uma escola que pretende formar leitores, pessoas capazes de contemplar a beleza, buscar a verdade e desenvolver sabedoria necessita de professores que cultivem essas mesmas disposições. A cultura intelectual da escola será profundamente influenciada pela cultura intelectual de seus educadores. Professores que leem, estudam, perguntam, investigam e demonstram prazer pelo conhecimento tornam-se testemunhos concretos de que aprender não constitui apenas uma obrigação escolar, mas uma atividade digna de ser amada.

Dessa forma, o professor ocupa uma posição singular na construção da cultura escolar. Sua atuação cotidiana pode confirmar ou enfraquecer os princípios declarados pela instituição. Por essa razão, a Educação Cristã Clássica exige uma preocupação que ultrapassa a contratação de profissionais tecnicamente habilitados: requer a formação de educadores capazes de encarnar, progressivamente, a visão de homem, conhecimento, virtude e educação que a escola afirma professar.

O professor, portanto, não é apenas um agente da educação; ele próprio constitui parte do ambiente educativo. Sua presença, seus hábitos e suas disposições participam da formação dos estudantes. Por isso, em uma proposta que pretende formar pessoas sábias e virtuosas, a pergunta acerca de quem é o professor que educa torna-se tão importante quanto a pergunta acerca do que ele ensina.

5. DESAFIOS PARA A IMPLANTAÇÃO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ CLÁSSICA NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

A implantação de uma escola cristã clássica no contexto contemporâneo ultrapassa a elaboração de um currículo diferenciado ou a adoção de determinadas

metodologias de ensino. Como discutido anteriormente, essa proposta está fundamentada em uma concepção específica acerca do Homem, do conhecimento, da virtude e da finalidade da educação. Por essa razão, sua efetivação depende da construção de uma cultura institucional coerente com esses fundamentos.

No contexto brasileiro atual, essa tarefa apresenta desafios particulares. A escola cristã clássica está inserida em uma sociedade marcada por diferentes concepções de educação, por transformações nas relações familiares, pela crescente presença das tecnologias digitais e por um sistema educacional regulado por políticas públicas e documentos normativos que precisam ser observados com atenção para não contradizer a confessionalidade da instituição. Ao mesmo tempo em que a escola precisa cumprir suas responsabilidades legais, necessita preservar a identidade que fundamenta sua proposta pedagógica.

Dessa forma, os desafios para a implantação da Educação Cristã Clássica não são exclusivamente administrativos ou metodológicos. Eles envolvem, sobretudo, pessoas e cosmovisões. Professores, famílias e crianças que chegam à escola trazendo hábitos, expectativas e concepções de educação construídos em contextos diferentes daqueles que fundamentam a proposta clássica cristã. A escola precisa, portanto, não apenas ensinar seus alunos, mas também construir progressivamente uma cultura institucional capaz de sustentar sua visão de educação.

5.1. O desafio da formação docente

Entre os principais desafios para a implantação de uma escola cristã clássica encontra-se a formação do corpo docente. Conforme discutido anteriormente, a formação inicial dos professores oferece fundamentos indispensáveis para o exercício profissional, mas não necessariamente contempla a tradição clássica, as artes liberais e a cosmovisão cristã que sustentam essa proposta educacional.

O problema, portanto, não consiste simplesmente na ausência de professores habilitados para ensinar. A questão é mais profunda: como formar professores que, além de possuírem competência pedagógica, compreendam a finalidade da educação a partir de uma antropologia cristã e sejam capazes de integrar essa visão ao ensino das diferentes áreas do conhecimento?

A Educação Cristã Clássica exige do professor uma formação que ultrapasse o domínio técnico de metodologias e conteúdos. Como apresentado anteriormente, se a educação busca formar hábitos intelectuais e morais, cultivar virtudes e conduzir o estudante à busca da verdade, da bondade e da beleza, o professor precisa possuir uma formação compatível com essa finalidade. Não seria coerente esperar que um educador formasse nos alunos o amor pelo conhecimento sem que ele próprio mantivesse uma relação viva com o estudo, a leitura e a aprendizagem.

Esse desafio torna-se ainda maior porque a maioria dos profissionais chega à escola depois de percorrer trajetórias formativas que não foram necessariamente construídas sobre os fundamentos da educação clássica cristã. Muitos foram preparados em modelos educacionais nos quais a formação pedagógica se encontra fortemente associada ao domínio de competências, técnicas, metodologias e procedimentos de ensino em que o protagonismo é humanista, não cristocêntrico. Encontramos professores cristãos com dificuldades de unir fé com vocação, algo que a educação cristã clássica propõe a seus alunos. Embora os elementos técnicos sejam importantes, eles não são suficientes para responder às questões mais profundas da educação: quem é o homem que está sendo educado? O que é digno de ser conhecido? Qual é a finalidade do conhecimento? Que tipo de pessoa a escola deseja formar?

A formação docente em uma escola cristã clássica precisa, portanto, assumir caráter permanente. Não se trata apenas de oferecer treinamentos metodológicos, mas de desenvolver uma verdadeira cultura de formação. Isso envolve estudo das Escrituras, filosofia da educação, tradição clássica, artes liberais, literatura, história, teologia e fundamentos da própria proposta pedagógica. O objetivo não é transformar cada professor em especialista em todas essas áreas, mas possibilitar que ele compreenda a unidade da visão de educação na qual está inserido.

Nesse processo, a formação continuada também possui uma dimensão comunitária. O professor não deve ser deixado sozinho diante da responsabilidade de compreender uma proposta educacional complexa. A gestão e a coordenação pedagógica possuem papel fundamental na construção dessa cultura, oferecendo acompanhamento, leitura, formação, observação da prática e espaços de reflexão sobre o trabalho realizado.

O professor precisa compreender que sua atividade não é apenas uma ocupação, mas uma vocação de serviço. Ensinar passa a significar participar da formação de pessoas que possuem dignidade por serem criadas à imagem de Deus. Essa compreensão modifica a maneira como o educador enxerga a autoridade, a disciplina, o conhecimento, o erro, o esforço e o próprio aluno.

Assim, o desafio da formação docente consiste não apenas em encontrar professores, mas em formar professores para uma determinada maneira de compreender a educação. A implantação de uma escola cristã clássica depende, em grande medida, da capacidade da instituição de formar seus próprios educadores dentro dessa visão.

5.2. O desafio do alinhamento entre escola e família

Outro desafio significativo encontra-se na relação entre escola e família. A Educação Cristã Clássica compreende a educação como uma responsabilidade que não pode ser plenamente terceirizada à instituição escolar. A escola participa da formação da criança, mas a família permanece como espaço primário de formação e como parte essencial da comunidade educativa.

Essa concepção pode entrar em tensão com determinadas expectativas presentes na sociedade contemporânea. Em muitos contextos, a escola passou a ser compreendida principalmente como prestadora de um serviço educacional, responsável por oferecer conhecimento, preparar para avaliações, garantir desempenho acadêmico e, posteriormente, favorecer o ingresso do estudante no ensino superior e no mercado de trabalho.

Essas finalidades não são necessariamente incompatíveis com a Educação Cristã Clássica. O problema surge quando passam a ocupar o lugar da própria finalidade da educação. Se o sucesso educacional for medido exclusivamente por notas, aprovação em vestibulares, ingresso em universidades ou obtenção de diplomas, a formação integral da pessoa corre o risco de ser reduzida a um instrumento para alcançar resultados externos.

A Educação Cristã Clássica parte de uma pergunta diferente: que tipo de pessoa a educação pretende formar? A resposta envolve não somente competência acadêmica,

mas também sabedoria, virtude, responsabilidade, capacidade de discernimento e disposição para servir a Deus e ao próximo.

Nesse sentido, pode existir um desalinhamento entre aquilo que a escola pretende formar e aquilo que algumas famílias esperam receber da escola. A família pode desejar autonomia, mas compreender autonomia como ausência de limites; pode desejar que o filho seja feliz, mas associar felicidade à ausência de frustração; pode desejar bons resultados acadêmicos, mas não reconhecer o valor formativo do esforço, da repetição, da memorização e da perseverança. A escola, por outro lado, pode compreender que a formação da liberdade exige disciplina e que o desenvolvimento de virtudes pressupõe hábitos que nem sempre são agradáveis no curto prazo.

A parceria entre escola e família, portanto, não significa apenas comunicação eficiente ou participação em reuniões. Exige convergência progressiva quanto à finalidade da educação. Como afirma o próprio projeto da Educação Cristã Clássica, a formação não pode ocorrer de maneira fragmentada entre diferentes agentes que possuem concepções radicalmente distintas acerca da pessoa humana e do bem que deve ser buscado.

Essa questão também se relaciona ao conceito de cosmovisão. James K. A. Smith (2009) demonstra que a formação humana não ocorre somente pela transmissão explícita de ideias, mas também por meio de práticas, hábitos e ambientes que moldam os desejos. A criança é formada pelo conjunto de experiências que vivencia. Assim, quando escola e família cultivam hábitos e valores profundamente contraditórios, a formação da criança torna-se fragmentada.

O desafio, portanto, não consiste em exigir que todas as famílias possuam o mesmo nível de conhecimento acerca da tradição clássica ou da filosofia da educação. Trata-se de construir uma relação em que a família compreenda progressivamente os fundamentos da proposta escolar e reconheça que determinadas práticas, como a leitura, disciplina, respeito à autoridade, limitação do uso de tecnologias, perseverança e cultivo de hábitos fazem parte de uma concepção de formação e não são simplesmente regras arbitrárias da instituição.

Nesse sentido, a própria escola precisa assumir responsabilidade formativa junto às famílias. Reuniões, encontros, palestras, leituras orientadas e momentos de diálogo podem contribuir para que os pais compreendam não apenas o que a escola faz, mas

por que faz. Uma escola cristã clássica que não comunica sua visão às famílias corre o risco de ter um currículo clássico convivendo com uma cultura doméstica completamente desconectada de seus fundamentos.

A parceria entre família e escola torna-se, portanto, condição importante para a coerência da proposta. Quanto maior a distância entre aquilo que a escola procura cultivar e aquilo que a criança vivencia em seu ambiente familiar, maior será o desafio de consolidar determinados hábitos e virtudes. A implantação de uma escola cristã clássica exige, por isso, não apenas a formação dos professores, mas também a formação e o envolvimento progressivo das famílias.

5.3. O desafio da formação dos hábitos em uma cultura tecnológica

A formação dos hábitos constitui outro desafio particularmente relevante no contexto contemporâneo. A Educação Cristã Clássica valoriza a atenção, a leitura, a perseverança, a disciplina, o silêncio, a contemplação e o esforço intelectual. Entretanto, as crianças e adolescentes chegam à escola inseridos em uma cultura marcada pela velocidade, pela abundância de estímulos e pelo acesso permanente às tecnologias digitais.

Não se trata de afirmar que toda tecnologia é prejudicial ou que a escola cristã clássica deva rejeitar indiscriminadamente os recursos tecnológicos. A questão central é compreender que as tecnologias não são ferramentas neutras em seus efeitos formativos. A maneira como são utilizadas participa da construção de hábitos, expectativas e modos de atenção. Neil Postman (1994), ao analisar a relação entre tecnologia e cultura, alerta para o fato de que novas tecnologias não apenas acrescentam ferramentas à sociedade, mas podem modificar a própria maneira como as pessoas compreendem informação, conhecimento e comunicação. Nicholas Carr (2010), por sua vez, discute os efeitos da cultura digital sobre a atenção e os hábitos intelectuais, especialmente diante da multiplicidade de estímulos e da fragmentação da experiência de leitura. Essas questões tornam-se particularmente relevantes para uma proposta educacional que depende da formação de hábitos intelectuais. Ler um texto longo, memorizar um poema, resolver um problema matemático, ouvir atentamente uma explicação ou permanecer diante de uma dificuldade até encontrar uma solução são

atividades que exigem concentração, paciência e perseverança. Tais disposições não surgem espontaneamente; precisam ser cultivadas.

A cultura digital contemporânea, entretanto, frequentemente favorece experiências marcadas pela rapidez, pela alternância constante de estímulos e pela gratificação imediata. A criança pode estar habituada a trocar rapidamente de atividade, receber respostas instantâneas e buscar entretenimento continuamente. Quando encontra uma tarefa que exige repetição, silêncio, esforço prolongado ou tolerância à frustração, pode experimentar dificuldade justamente porque esses hábitos ainda não foram suficientemente cultivados.

Esse cenário coloca diante da escola cristã clássica uma tarefa que é simultaneamente pedagógica e cultural: ensinar a criança a prestar atenção. A atenção não deve ser tratada apenas como um requisito para que a aula aconteça, mas como uma capacidade humana que precisa ser formada.

James K. A. Smith (2009) oferece uma contribuição importante para essa discussão ao compreender o ser humano como alguém profundamente formado por seus amores e por suas práticas. As rotinas, os ambientes e as práticas repetidas não apenas ocupam o tempo, mas contribuem para formar aquilo que as pessoas desejam. Aplicado ao contexto escolar, isso significa que a escola também educa por meio dos hábitos que estabelece diariamente.

Por essa razão, uma escola cristã clássica precisa refletir cuidadosamente sobre sua própria cultura tecnológica. Não basta estabelecer regras sobre o uso de celulares ou outros dispositivos; é necessário perguntar que hábitos a escola pretende cultivar em seu lugar. Se o objetivo é formar leitores, é preciso criar tempo e espaço para leitura. Se pretende formar atenção, precisa oferecer experiências que exijam atenção prolongada. Se deseja desenvolver perseverança, precisa permitir que o aluno enfrente dificuldades sem recorrer imediatamente a estímulos externos.

A questão das telas também se relaciona à autoridade e à formação familiar. Crianças que possuem acesso irrestrito a conteúdos, entretenimento e estímulos digitais podem apresentar maior resistência a ambientes nos quais existem limites claros, horários, silêncio e expectativas de comportamento. Isso pode gerar conflitos quando a escola procura estabelecer uma cultura intencionalmente diferente daquela vivenciada fora dela.

Nesse sentido, o desafio tecnológico não deve ser reduzido à discussão sobre dispositivos eletrônicos. Trata-se de uma questão mais ampla de formação antropológica: que tipo de pessoa está sendo formada pelos hábitos da cultura contemporânea e que tipo de pessoa a Educação Cristã Clássica pretende formar?

A resposta não precisa ser uma rejeição absoluta da tecnologia. O objetivo é desenvolver discernimento. A tecnologia deve ocupar seu devido lugar, servindo aos propósitos humanos e educacionais, e não determinando os hábitos, desejos e formas de atenção da comunidade escolar. A escola cristã clássica precisa, portanto, ensinar também uma forma de habitar o mundo tecnológico com liberdade, domínio próprio e discernimento.

5.4. O desafio da escola confessional diante das políticas educacionais

A escola cristã clássica está inserida no sistema educacional brasileiro e, como instituição de ensino, precisa observar a legislação nacional e os documentos normativos que regulamentam a Educação Básica. Ao mesmo tempo, possui uma identidade confessional que decorre de sua concepção cristã acerca do homem, do conhecimento e da finalidade da educação. Surge, assim, um desafio específico: como preservar sua identidade confessional e sua proposta pedagógica sem deixar de cumprir as exigências legais estabelecidas pelo poder público?

A Constituição Federal de 1988 estabelece a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, reconhecendo também a liberdade de consciência e de crença (BRASIL, 1988). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional — Lei nº 9.394/1996 — estabelece princípios e normas para a organização da educação brasileira e reconhece a existência de instituições privadas de ensino, submetidas às normas gerais da educação nacional (BRASIL, 1996). A escola confessional, portanto, não se encontra fora do sistema educacional brasileiro; ela exerce sua atividade dentro dele e deve observar as disposições legais aplicáveis.

Ao mesmo tempo, a própria LDB reconhece a coexistência de instituições públicas e privadas de ensino e estabelece princípios relacionados à liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber. Essa estrutura permite compreender que a educação brasileira não precisa ser construída a partir de

uma única concepção institucional de ensino, mas admite a existência de diferentes projetos educacionais dentro dos limites estabelecidos pela legislação.

A tensão surge quando documentos normativos, políticas educacionais ou determinadas concepções pedagógicas apresentam pressupostos que não coincidem integralmente com a antropologia cristã adotada pela instituição. Nesse cenário, a escola confessional precisa desenvolver capacidade de discernimento institucional: identificar aquilo que constitui obrigação legal, aquilo que representa orientação pedagógica e aquilo que pertence ao espaço legítimo de autonomia da instituição.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo, estabelece aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos estudantes ao longo da Educação Básica (BRASIL, 2018). A escola cristã clássica precisa considerar essas determinações em seu planejamento e organização curricular. Entretanto, cumprir uma referência curricular nacional não significa necessariamente abandonar uma identidade pedagógica própria. O desafio está em articular aquilo que é legalmente exigido com a forma específica pela qual a instituição compreende o conhecimento e a formação humana.

Essa articulação exige maturidade pedagógica e jurídica. A escola não pode utilizar sua identidade confessional como justificativa para descumprir obrigações legais, assim como não deve presumir que o cumprimento das exigências normativas exija o abandono de sua identidade cristã. O caminho está na compreensão cuidadosa dos limites e das possibilidades estabelecidos pela legislação.

Para uma escola cristã clássica, essa questão possui importância especial porque sua proposta educacional parte de uma antropologia que não separa conhecimento, moralidade e espiritualidade. Quando determinados documentos educacionais utilizam conceitos como formação integral, cidadania, autonomia, diversidade, desenvolvimento humano ou competências socioemocionais, a instituição precisa compreender criticamente os pressupostos presentes nessas categorias e articulá-los com sua própria concepção antropológica. Tal postura exige conhecimento da legislação, clareza doutrinária e segurança acerca da própria identidade institucional.

Nesse sentido, a existência de um Projeto Político-Pedagógico consistente torna-se fundamental. A identidade cristã e clássica da escola precisa estar expressa não apenas em declarações institucionais, mas em seus objetivos, currículo, práticas

pedagógicas, critérios de avaliação, formação docente e relações com a comunidade escolar. Quanto mais clara for essa identidade, maior será a capacidade da instituição de dialogar com as exigências externas sem perder a coerência interna.

A escola confessional encontra, portanto, um duplo compromisso: cumprir sua responsabilidade legal enquanto instituição de ensino e preservar sua identidade e finalidade educacional. Essa tarefa exige uma postura de responsabilidade diante das autoridades públicas, mas também de fidelidade aos fundamentos que justificaram a existência da própria instituição.

Os desafios apresentados neste capítulo demonstram que a implantação da Educação Cristã Clássica não depende exclusivamente da escolha de um currículo ou da adoção do trivium. Ela exige uma cosmovisão institucional capaz de sustentar uma determinada visão de homem, conhecimento e educação. Essa cosmovisão precisa ser construída por professores adequadamente formados, famílias progressivamente alinhadas à proposta, alunos inseridos em hábitos que favoreçam a atenção e a virtude e uma instituição capaz de dialogar com o contexto legal sem abandonar seus fundamentos confessionais.

Dessa forma, a implantação de uma escola cristã clássica revela-se menos como a simples implementação de um método e mais como um processo de construção de uma comunidade educativa. É justamente nessa dimensão cultural que residem, simultaneamente, sua maior dificuldade e sua maior possibilidade de coerência: não basta ensinar conteúdos clássicos; é necessário construir uma cultura que permita que esses conteúdos sejam recebidos, compreendidos e vividos dentro de uma visão cristã da realidade.

6. DISCUSSÃO/ANÁLISE CRÍTICA

A compreensão de que toda prática educativa comunica valores conduz à constatação de que a implantação de uma escola cristã clássica ultrapassa a adoção de um currículo diferenciado ou de metodologias tradicionais. Se toda educação está fundamentada em pressupostos antropológicos e filosóficos, torna-se impossível, como já afirmamos, sustentar a neutralidade pedagógica. O currículo, as relações estabelecidas na escola, a disciplina, os critérios de avaliação e a própria cultura institucional comunicam uma determinada visão de homem e de mundo, participando

ativamente da formação moral e intelectual dos estudantes. Dessa forma, o maior desafio da educação cristã clássica não consiste apenas em ensinar conteúdos sob uma perspectiva cristã, mas em construir uma comunidade educativa coerente com a cosmovisão que afirma professar.

Essa coerência depende, em grande medida, da atuação do pedagogo e da formação do corpo docente. Mais do que organizar processos administrativos ou acompanhar o desempenho escolar, cabe ao pedagogo promover o alinhamento entre os fundamentos filosóficos da instituição e sua prática cotidiana, fortalecendo uma cultura escolar que reflita seus princípios. Nesse contexto, a formação do professor torna-se elemento indispensável para que a identidade confessional da escola seja vivenciada para além dos documentos institucionais, alcançando as práticas pedagógicas, as relações interpessoais e os processos formativos desenvolvidos diariamente.

Sob essa perspectiva, a Educação Cristã Clássica compreende que educar é participar da formação integral da pessoa humana. Ao reconhecer que a aprendizagem envolve não apenas o intelecto, mas também os afetos, os hábitos e as virtudes, essa proposta reafirma que toda educação forma moralmente. É justamente nesse ponto que a reflexão de C. S. Lewis, desenvolvida em A Abolição do Homem, oferece uma contribuição significativa. Ao analisar criticamente o chamado "Livro Verde", Lewis advertiu para os riscos de uma educação que reduz os juízos morais a meras preferências subjetivas, enfraquecendo a capacidade de reconhecer a verdade, já que esta é relativa, seguindo pontos de vista particulares. Embora escrita em um mundo completamente diferente deste tempo contemporâneo, sua análise atinge os problemas atuais ao evidenciar que a educação não apenas transmite conhecimentos, mas participa da formação do caráter. Quando a escola abdica dessa responsabilidade, pode até formar alguns indivíduos intelectualmente habilitados, porém desprovidos dos referenciais morais necessários para orientar suas escolhas (LEWIS, 1947).

7. CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar os principais desafios para a implantação de uma escola cristã clássica no contexto brasileiro contemporâneo. A partir da análise realizada, compreende-se que esses desafios ultrapassam a adoção de um

currículo ou de metodologias específicas, pois envolvem a construção de uma cultura escolar coerente com uma antropologia cristã e com os princípios da tradição clássica.

Entre os principais desafios identificados, destaca-se, inicialmente, a formação docente. A formação acadêmica oferece fundamentos importantes para o exercício da profissão, mas não contempla, necessariamente, a formação clássica e cristã exigida por essa proposta. O professor precisa desenvolver não apenas competências pedagógicas, mas também uma cultura intelectual, hábitos de leitura, amor pelo conhecimento e compreensão da educação como vocação. Nesse sentido, a formação continuada dentro da própria instituição torna-se indispensável.

Outro desafio está no alinhamento entre escola e família. A Educação Cristã Clássica compreende que a formação dos filhos não pode ser terceirizada à escola. Quando família e instituição possuem concepções diferentes acerca de autoridade, disciplina, hábitos, tecnologia e finalidade da educação, a formação da criança pode tornar-se fragmentada. Por isso, a construção de uma parceria baseada na compreensão da proposta educacional é fundamental.

Também se destaca o desafio da formação dos hábitos em uma cultura marcada pelas tecnologias digitais. A atenção, a leitura, a perseverança, o silêncio e a capacidade de lidar com a frustração precisam ser intencionalmente cultivados. O desafio não consiste em rejeitar a tecnologia, mas em ensinar seu uso com discernimento, preservando hábitos que favoreçam a formação intelectual e moral dos estudantes (CARR, 2010; POSTMAN, 1994; SMITH, 2009).

Por fim, a escola confessional precisa conciliar sua identidade cristã com as exigências legais e educacionais brasileiras. Isso exige conhecimento da legislação, clareza quanto aos fundamentos da instituição e capacidade de discernir como cumprir as exigências educacionais sem abandonar sua identidade confessional.

Diante disso, conclui-se que o principal desafio da implantação da Educação Cristã Clássica não está na elaboração de um currículo clássico, mas na construção de uma cultura educativa coerente com sua visão de homem, conhecimento e finalidade da educação. Essa cultura depende da formação dos professores, da parceria com as famílias, do cultivo intencional de hábitos e da clareza institucional diante do contexto educacional brasileiro.

Assim, uma escola cristã clássica não se consolida apenas por aquilo que ensina, mas pela maneira como professores, famílias e alunos vivem e praticam aquilo que a proposta educacional afirma. Seu propósito último é contribuir para a formação integral de pessoas capazes de buscar a verdade, cultivar a virtude e reconhecer em Cristo o fundamento de toda sabedoria e conhecimento (BÍBLIA, Colossenses 2:3).

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de António de Castro Caeiro. São Paulo: Atlas, 2009.

BÍBLIA. **1 Coríntios**. In: BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BÍBLIA. **Colossenses**. In: BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP nº 4, de 29 de maio de 2024**. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica. Brasília, DF: CNE, 2024.

CARR, Nicholas. **The Shallows: What the Internet Is Doing to Our Brains**. New York: W. W. Norton & Company, 2010.

CLARK, Kevin; JAIN, Ravi. **The Liberal Arts Tradition: A Philosophy of Christian Classical Education**. Camp Hill: Classical Academic Press, 2013.

LEWIS, C. S. **A abolição do homem**. Tradução de Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 1947.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

PERRIN, Christopher. **An Introduction to Classical Education: A Guide for Parents**. Camp Hill: Classical Academic Press, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2014.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **O coordenador pedagógico e o espaço da mudança**. São Paulo: Loyola, 2012.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia**. Tradução de Reinaldo Guarany. São Paulo: Nobel, 1994.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SAYERS, Dorothy L. **As ferramentas perdidas da aprendizagem**. Tradução de Tiago J. S. G. F. São Paulo: Editora Monergismo, 2018.

SMITH, David I. **Pedagogia Cristã**. Tradução de Mariana de Oliveira. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2015.

SMITH, James K. A. **Desiring the Kingdom: Worship, Worldview, and Cultural Formation**. Grand Rapids: Baker Academic, 2009.

SMITH, James K. A. **Você é aquilo que ama**: a formação espiritual e a vida cristã. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Editora Vida Nova, 2018.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. Campinas: Papirus, 2001.

WILSON, Douglas. **The Case for Classical Christian Education**. Wheaton: Crossway, 2003.